

não a deixes ficar

nicola sanders

Tradução de Sónia Maia



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

PRÓLOGO

- **N**ão acordes. Por favor, não acordes.
Suplicar à minha bebé de quatro meses que durma — ou que continue a dormir — nunca resultou. Deus sabe o quanto tentei. Por isso, não sei porque penso que, desta vez, será diferente.

Mas nada me resta senão implorar.

Estou a apertá-la tanto contra o peito que tenho de verificar constantemente se não estou a magoá-la. Mas sinto-a remexer-se, um sinal seguro de que está prestes a acordar. Se acordar, chorará, porque é o que faz sempre.

E, se ela chorar, eu morrerei.

Estou a fazer tudo o que posso para nos tirar daqui vivas. Estou tão perto. Estou à porta de entrada. Abro-a e esgueiro-me para fora, o mais silenciosa e rapidamente possível.

Aqui fora, está escuro. O silêncio é tal que até o som da gravilha que esmago com os pés me denuncia. Mas não posso abrandar agora. Só temos alguns segundos. Corro para o *Range Rover* e agacho-me por trás do pneu traseiro, tateando com os dedos em busca da chave sobresselente que guardo ali. Quando carrego no botão, o carro emite um bip que me parece o toque de uma trombeta. Paro, com o coração a martelar, e fico à escuta. Nada. A luz interior liga-se quando abro a porta e a minha mão apressa-se a desligá-la. Sento, desajeitadamente, Evie na cadeirinha de bebé. Os seus olhos abrem-se como os de uma boneca.

Então, a sua boca abre-se. Muito.

— Por favor, não chores, Evie. Por favor, bebé, por favor não chores — sustenho a respiração.

Evie boceja.

Fecho a porta suavemente, mas estou a tremer tanto que a chave me escorrega da mão. Deixo-me cair no chão e procuro-a às apalpadelas, no escuro.

Por favor, não chores. Por favor, não chores. Sinto o quadrado de plástico debaixo dos dedos.

Graças a Deus. Apanhei-a. Levanto-me precisamente quando a luz jorra de uma janela no piso de cima, iluminando o carro.

Não consigo evitar. Viro-me e olho para a casa, embora isso me custe um segundo que não posso desperdiçar. A luz vem do quarto da bebé. É a única luz acesa em toda a casa.

Tapo a boca com a mão quando ela aparece à janela, espalmando as duas mãos contra o vidro, com fumo negro erguendo-se atrás de si.

Os nossos olhos encontram-se.

Viro-lhe as costas, tranco as portas do carro e arranco.

CAPÍTULO 1

Três semanas antes.

 *Oscar* dá um latido preguiçoso ao mesmo tempo que ouço uma carrinha passar sobre a gravilha. O latido é só para impressionar. Ambos sabemos que ele deixaria um intruso entrar, abanaria a cauda ao ladrão e lhe pousaria as patas no peito. É um velho Labrador cor de caramelo que adora tudo e todos, até o gato do vizinho.

Afasto-me do berço e acerco-me da janela. É o carteiro. Sobe os degraus até à porta da frente e, segundos depois, ouço a aba da porta bater. Há uma caixa de correio junto ao portão, mas, quando estou sozinha em casa — o que acontece na maior parte dos dias —, gosto de deixar o portão escancarado. Assim, sinto-me menos sozinha, sabendo que qualquer pessoa pode aproximar-se da casa sem ter de tocar à campainha. Richard discorda. Diz que não é seguro, o que, invariavelmente, me faz revirar os olhos. Esta aldeia é encantadora, mas bastante pacata, e esta bela casa de campo é como uma fortaleza. Quando nos mudámos para cá, Richard ficou tão preocupado por eu e Evie ficarmos isoladas que instalou fechaduras em todas as janelas.

Baixo os olhos para Evie, que dorme no seu berço, com os membros esticados como uma estrela-do-mar, cubro-a com o cobertor e beijo-lhe a face macia e rosada. Ela nem estremece. Se, há um ano, alguém me tivesse dito que a chegada do correio seria a coisa mais excitante que me aconteceria durante *o dia todo*, eu ter-me-ia rido. Mas agora, ao descer rapidamente as escadas, sinto um pequeno arrepio de expectativa, pensando se haverá alguma coisa para mim entre todas as cartas e contas dirigidas a Richard. Talvez uma revista? O último número da *Homes & Gardens*? Aí está outra coisa de que me teria rido há um ano. Agora, já não. Podia passar uma boa

hora, talvez até duas, se não me apressasse, na cadeira de baloiço do quarto da bebé, folheando revistas e contemplando casas de banho modernas, estufas campestres — talvez devêssemos construir uma a seguir, depois da remodelação da cozinha. Só que não fiz nada em relação à remodelação da cozinha. As fotografias que recortei ainda ali estão, com os cantos a encarnar-se, no quadro magnético que reservei para esse projeto, num quarto vago que reclamei como o meu escritório. Richard tem o seu próprio escritório no andar de baixo, uma divisão grande com uma enorme secretária de carvalho, prateleiras que ocupam toda a parede do fundo e portas francesas que abrem para um pátio. Raramente usa o escritório. Não gosta de trazer trabalho para casa.

O meu é menos grandioso, apenas um quarto com uma secretária e um arquivo onde guardo os meus documentos privados. Decorei-o com um papel de parede bonito e pedi a Simon, o nosso jardineiro, que pregasse o grande quadro magnético na parede, já que Richard não saberia com que lado do martelo bater num prego.

Nessa altura, tinha grandes planos para esta casa. Estava grávida, já passara a fase das náuseas e sentia-me maravilhosamente feliz devido às hormonas que me invadiam. Ainda acreditava, tolamente, que teria energia para fazer tudo e que ter um bebé seria canja; acontece que a minha linda bebé não dorme. Quero dizer, dorme. Faz cerca de 50 milhões de sestras por noite e, entre elas, acorda e chora até ser alimentada. Hoje, a cruel realidade é que, nalgumas manhãs, estou demasiado cansada para lavar o cabelo.

Dobro-me para apanhar o correio, com o *Oscar* a meu lado, e suspiro enquanto analiso a pilha de cartas. Acho que terei de arranjar outra forma de passar o tempo, porque, hoje, não há correio para mim.

Pouso o monte de correio sobre a consola, arrumado por ordem de tamanhos — a *Investors Chronicle* por baixo, contas e itens mais pequenos em cima. Há uma carta grande de Amesterdão que presumo estar relacionada com a conferência a que Richard vai daqui a três semanas. Enfio-a por baixo da pilha. Cai uma carta ao chão. Apanho-a e examino-a. Como todas as outras, está endereçada a Richard, mas esta está escrita à mão, e a caligrafia deixa bem claro que é de uma mulher. Viro-a, mas não há morada de remetente, nem indicação de quem a enviou. Penso de imediato que é de Isabella, a linda Isabella, a ex-noiva de Richard. Sei que mantém o contacto, embora o motivo que ela possa ter para lhe mandar uma carta seja um mistério. Talvez seja um convite para um evento. Um convite especial. Para um evento especial. Só para ele. Sem acompanhante, por favor.

De repente, estou ansiosa por saber. Reviro a carta entre os dedos. Pondero usar o velho truque do vapor para a abrir, embora suspeite que já não resulta.

Uma corrente de ar frio faz-me dar um salto.

— Olá, Sr.^a A.

— Roxanne! — rio-me, apertando o envelope contra o peito. — Assustou-me. Já está na hora?

Ela encosta a bicicleta à parede exterior e entra, fechando a porta da frente.

— Desculpe tê-la assustado — diz, puxando o capuz do casaco para trás. — Devia ter tocado à campainha. Pensei que estivesse lá em cima, com a Evie.

Abano a mão no ar, com indiferença.

— A Evie dorme profundamente. Há, pelo menos, quinze minutos. Acho que é um recorde. Estava a ver o correio.

— OK, bem, então vou começar, Sr.^a A.

Já pedi a Roxanne umas cinquenta vezes que me chamasse Joanne, mas ela nunca o faz. Sou sempre a Sr.^a A, embora ela deva ter uns vinte e cinco anos, talvez vinte e oito, ou seja, apenas cerca de cinco anos menos do que eu.

Ela pendura o casaco no vestíbulo, que é um quartinho ao lado do átrio onde guardamos guarda-chuvas, gabardinas, galochas... atravessa com grandes passadas as portas duplas que levam à grande cozinha para ir buscar o carrinho com os produtos de limpeza à despensa-barra-arrecadação. Vou atrás dela.

— Quer chá antes de começar? — pergunto-lhe sempre isto e ela responde quase sempre que não. Deve pensar que eu tenho problemas de memória. Ou que ouço mal.

— Não, obrigada — diz ela. — Vou começar.

— Estou a pensar comprar uma bicicleta — digo de rompante, antes que ela tenha tempo de se afastar. Não é verdade. O que faria com uma? Encaixaria o berço na roda de trás? Mas estou morta por conversar com alguém. Sinto que não falo com ninguém há vários dias, embora isso não seja totalmente verdade. Falo com Simon, apesar de ainda estarmos no inverno, pelo que, de momento, ele não passa aqui muito tempo. Só vem uma ou duas vezes por semana, sobretudo para limpar o terreno e preparar as coisas para a primavera. Falo com Richard, claro, todas as noites, mas ele trabalha até tarde e, ultimamente, nem sequer chega a horas para o jantar.

Tem um pequeno banco de investimento, e está a trabalhar num novo projeto com o seu sócio-gerente, um novo e importante portefólio financeiro. Tentou explicar-mo, mas não percebi uma palavra. Desculpei-me com a confusão mental devida à gravidez.

— Qual acha que devo comprar? — pergunto a Roxanne.

Ela encolhe os ombros.

— Há uma loja de bicicletas em Chertsey. Pode perguntar-lhes.

Assinto.

— Sim. Boa ideia. — Apuro o ouvido para tentar captar algum som de Evie e, tendo confirmado que está tudo tranquilo, pego na chaleira e ergo-a na direção de Roxanne. — Tem a certeza?

— Tenho — diz ela.

— OK! — Meto um saquinho de chá de hortelã na minha caneca e encosto-me à bancada. Vejo-a reunir os materiais de limpeza. Tento pensar em mais alguma coisa para dizer, mas o meu cérebro parece puré de batata.

Às vezes, pergunto-me o que nos terá passado pela cabeça para nos mudarmos para uma casa tão grande, a quilómetros da cidade. Sei a sorte que tenho, por viver nesta casa fantástica. Tem seis quartos, cinco casas de banho, uma sala de estar e uma saleta, uma vista desafogada, uma cave onde Richard guarda os seus vinhos mais preciosos e que ameaça transformar num cinema caseiro ou em algo parecido, uma cozinha enorme e uma despensa maior do que o apartamento em que eu vivia, em Londres. Só me apetece estar sentada na cozinha com Evie no colo, beber chá e conversar com Roxanne. Há dias em que dou por mim a segui-la pela casa enquanto trabalha, levando Evie ao colo, só para ter com quem falar.

Roxanne coloca os auriculares nos ouvidos e bate no ecrã do telefone. Engulo um suspiro. Compreendi a mensagem.

— Vou deixá-la trabalhar, então — digo, embora ela não me possa ouvir. Deito a água a ferver por cima do saquinho de chá e volto para o átrio, com a minha caneca.

CAPÍTULO 2

Eu e Richard vivemos nesta casa desde o tempo em que eu estava grávida de Evie. A nossa casa para sempre. Nessa altura, eu já ultrapassara a minha relutância em depender do dinheiro de Richard, pelo menos no tocante a comprar uma casa. No princípio da nossa busca, sempre que ele me levava a ver uma propriedade, eu protestava por causa do preço. Os meus rendimentos não chegavam nem perto do necessário para contrair uma hipoteca ao nível da que ele parecia ter em mente. E essas casas nem sequer eram tão grandiosas como a que acabámos por comprar.

— Não te preocupes com o dinheiro, Joanne. Vamos encontrar a casa certa para nós. Será o meu presente para ti — disse ele, beijando o alto da minha cabeça.

Ainda me lembro da primeira vez em que visitámos a propriedade. Eu nem conseguia acreditar no que via. Richard adorou-a. Poderia realmente vir a ser nossa? Tentei imaginar a vida que teríamos aqui enquanto contemplava, pasmada, cada quarto, cada cornija, cada janela. Falámos das festas que daríamos, maravilhámo-nos com os jardins antigos e bem desenhados, imaginámos os nossos filhos — e o Labrador — a brincar na relva. Concordámos de imediato que o quarto do andar de cima com vista para o roseiral seria perfeito para quarto de bebé. A cozinha era um pouco antiquada e eu disse a Richard, com entusiasmo, que poderia modernizá-la. Seria o meu projeto pessoal, afirmei.

Mas não está a correr como eu imaginara. Não consigo tomar uma simples decisão acerca de bancadas ou acabamentos de armários e, como

fui agente imobiliária, seria de esperar que eu percebesse destas coisas. Vi muitas, muitas cozinhas, e sei que disposição funciona, o que se vende, o que fica bem.

Ou sabia, dantes. Hoje em dia, dou por mim a fazer a Roxanne perguntas como «Acha que este forno é bom?», ou «O que se usa agora nas cozinhas? Cimento polido? Minimalista? Ou, espere, e este? Branco acetinado. Gosta de branco acetinado?» E ela olha para mim, de sobrancelhas ligeiramente erguidas, e diz: «Não sei, Sr.^a A. É consigo.»

Isto foi antes de ela começar a usar auriculares, obviamente.

Conheci Richard quando ele foi com Isabella à agência imobiliária onde eu trabalhava, em Chelmsford. Mudara-me para lá alguns anos antes, com o meu namorado da altura, Marc, depois de lhe ter sido dada a oportunidade de gerir uma empresa de desenvolvimento de *hardware* informático aí sediada. Depois de eu e Marc nos termos separado, ele voltou para Londres e eu fiquei naquela zona, sobretudo por inércia.

Richard e Isabella estavam interessados numa casa georgiana que tínhamos para venda. Não era eu que estava encarregada de a mostrar. Estava atribuída ao meu colega Anthony — eu tinha uma paixoneta por Anthony, mas essa é outra história — e, como Anthony estava ausente nesse dia, ofereci-me para os levar lá.

Era uma casa maravilhosa, com divisões bem proporcionadas e grandes lareiras abertas, tetos altos e quase um hectare de terreno, com o seu próprio lago. *Essa* casa deveria ser a sua casa para sempre. Dele e de Isabella.

Lembro-me bem dela. Na casa dos quarenta, bonita e alta, com cabelos escuros encaracolados que emolduravam o seu belo rosto. Um sorriso encantador. Passaram alguns dias, até que Richard telefonou. Queria ver a casa outra vez. Marcámos uma visita, mas, no dia indicado, Isabella estava atrasada, por isso percorri novamente a casa toda com Richard. Ele pediu para ver a cave. Eu não gosto de caves, nem de sítios escuros, o que pode ser um problema no meu ramo. Mas era o meu trabalho, por isso endireitei os ombros e disse que sim, claro. Descemos e uma rajada de vento fechou a porta com força. Richard voltou atrás para a abrir, mas estava encravada. Eu tremia. As minhas pernas tinham-se transformado em colunas de geleia.

— Sente-se bem, Joanne?

— Sim — menti, e pousei a mão na parede húmida, para me apoiar.

— Não se preocupe. Vamos sair daqui num instante. — Ele pegou no telemóvel, e claro que não havia rede ali em baixo.

Comecei a hiperventilar.

— Não se preocupe com nada, Joanne. Está bem? Vê aquela janela ali em cima? Vou sair por aquela janela, depois contorno a casa e abro a porta.

— *Aquela* janela? — sussurrei. Nem sequer era uma janela, apenas uma fresta. Alguns tijolos que faltavam. Certamente ele não caberia *ali*.

— Confie em mim. Vai correr tudo bem.

— OK — murmurei, com alguma dificuldade.

Ele tirou o casaco do fato e dobrou-o com cuidado em cima de uma grade vazia. Arregaçou as mangas da camisa, alargou o nó da gravata e passou os dedos pelo cabelo. E, embora eu estivesse à beira de um ataque de pânico, a visão dele, com os seus óculos de aros grossos ligeiramente tortos, o seu cabelo escuro e caído e a sua gravata agora à banda, fez-me sorrir. Parecia o Clark Kent. Ou o que seria o Clark Kent se o tivessem deixado chegar aos cinquenta.

Ele juntou mais três grades vazias — felizmente havia muitas por ali — e dispô-las em forma de escada.

— Posso pôr a mão no seu ombro? Para me equilibrar? — perguntou.

— Sim, desculpe. — Aproximei-me e fiquei junto dele, mas tive de me segurar com uma mão à parede para conseguir ficar direita. Via pontos negros a dançar em frente dos olhos enquanto, não sei como, ele trepava pelas grades.

Pareceu-me tão estranha a forma como ele tentou passar pela abertura, contorcendo-se. Se não estivesse tão assustada, teria achado graça. Mas, em vez disso, não parava de pensar, e se ele ficasse preso? E se ele morresse ali? Entalado naquela janelinha minúscula? Então, as pernas dele desapareceram, o que me mergulhou numa nova vaga de pânico.

— Não vai fugir e deixar-me aqui, pois não? — gritei, nervosamente.

Ele voltou a meter a cabeça pela abertura.

— Nem um batalhão conseguiria afastar-me daqui — ofegou. — Volto já. E, depois, desapareceu.

Agachei-me e deixei a cabeça pender entre os joelhos. Perguntei-me o que faria se ele não voltasse, e percebi que não poderia fazer nada. Nada de nada. Simplesmente morreria ali, sozinha. Um esqueleto a apodrecer numa cave.

Então, a porta abriu-se de par em par e ele correu pelas escadas abaixo e ajudou-me a levantar.

— Sinto-me tão estúpida — disse, quando já estávamos no exterior.

— De modo algum. Não podia saber que a cave se trancaria sozinha.

— Quero dizer, por ter tido tanto medo.

— Já passou. Já não há nada de que ter medo. — Ele puxou-me para os seus braços e eu comecei a chorar. Senti-me tão tola, soluçando para cima da sua bela camisa, mas a verdade era que não queria soltar-me. Sentia-me mais segura naquele abraço protetor do que me tinha sentido em muito tempo.

Ficámos assim alguns minutos, com ele a acariciar-me a cabeça e eu a tremer como uma criança, até que eu me desprendi e limpei o nariz à manga.

— Desculpe. Estraguei a sua camisa. E deixou o casaco lá em baixo.

— Vou buscá-lo. — Estendeu-me um lenço, garantindo-me que estava limpo, precisamente quando um carro estacionava à nossa frente.

Isabella chegara.

Na semana seguinte, ele foi à agência e disse-me que não ia avançar com a compra da propriedade, porque ele e Isabella se tinham separado.

— Lamento imenso — disse eu, enquanto os olhos dele se enchiam de lágrimas.

Eram 17h00, por isso levei-o ao The Ship, ao virar da esquina, para tomar uma bebida. Ele contou-me que Isabella o deixara por outro homem. Andava a ter um caso há meses e, quando começaram à procura de casa para comprar, ela já sabia que não iriam viver lá.

— Só não sabia como me dizer.

Eu também tivera algumas experiências de traição em relações. Falei-lhe de Marc, por quem me mudara para ali. Eu e Marc estivemos juntos três anos. Ele não queria ter filhos ainda, depois já não queria ter filhos de todo. «Seria um péssimo pai», dizia. Depois, um dia, Marc anunciou, ao pequeno-almoço, que se ia embora. Tinha um caso com a Olive, dos Recursos Humanos, e ela estava grávida.

— Agora, têm um rapazinho chamado George, e mais um a caminho. Richard abanou a cabeça.

— Isso é terrível.

Encolhi os ombros.

— Já foi há algum tempo — comentei, como se não fervesse de ressentimento de cada vez que pensava nisso.

Conversámos mais um pouco, até que, de súbito, era hora de fechar. Há muito tempo que não me sentia tão confortável com alguém.

— Obrigado por me ouvir — disse ele, fechando a porta do táxi por mim.

Dois meses depois, convidou-me para jantar. Oito meses mais tarde, estávamos casados.

CAPÍTULO 3

Levo a minha caneca de chá quente comigo e, quando entro no átrio, no caminho de regresso ao andar de cima, para o quarto da bebé, deito mais um olhar à carta misteriosa sobre a consola. Pego nela, tento lembrar-me se alguma vez vi a caligrafia de Isabella, mas, se vi, não me recordo. Quem me dera não me sentir tão insegura, mas, há alguns meses, Richard disse-me que Isabella o contactara e que a relação dela não resultara. Estava solteira de novo.

— Achas que ela te quer de volta? — perguntei-lhe, incrédula.

— Não. De maneira nenhuma. É só porque estivemos juntos muitos anos. Acho que ela quer conversar com alguém que a conheça bem. Um ombro onde chorar.

Se Richard queria fazer-me sentir melhor, não o conseguiu. Afinal, *eu* fora um ombro onde chorar, e via-se onde isso nos levara. Embora, nessa época, eu fosse magra e cheia de energia, uma profissional ativa, e tivesse o cabelo lavado. Agora? Agora sinto-me tão entediante que poderia adormecer só por falar comigo mesma.

Devia esmerar-me. Era isso que devia fazer. Devia fazer-lhe uma refeição caseira deliciosa. Não, um jantar à luz das velas. E não fazemos sexo há semanas, e a culpa é minha. Vou vestir alguma coisa sensual. Terei alguma coisa sensual para vestir? Alguma coisa que ainda me sirva? Que não me faça parecer um salame com atilhos?

Estou quase a subir as escadas quando o telefone toca. O fixo. Temos telefones em quase todas as divisões da casa, porque a rede móvel aqui é intermitente na melhor das hipóteses, embora Richard diga que é para eu não ter de andar à procura do telemóvel no caso de estar a tratar de Evie.

Por algum motivo, toda a gente receia que eu me esforce demais quando estou a tratar de Evie.

— Joanne, querida. Como está a correr o teu dia?

— Muito bem! — digo, alegremente. — Ótimo, mesmo. E ainda bem que telefonaste, porque estava a pensar em fazer qualquer coisa especial para o jantar de hoje. A que horas chegas? — Depois, acrescento: — Tenho uma surpresa.

Ele ri-se.

— Que tipo de surpresa?

Movo a carta entre os dedos.

— Bem, se te disser, já não será uma surpresa. Mas não importa. Já que perguntas, pensei em fazer um jantar romântico para dois... e talvez, sabes... sobremesa?

Excelente. Agora, ele deve estar a pensar em geleia e leite-creme.

— Querida, desculpa. Isso parece fantástico, mas estou a telefonar-te porque tenho de trabalhar até tarde. Temos de ter os prospetos prontos até segunda-feira. O Geoff pediu que toda a gente ajudasse esta noite.

Oh, raios partam o Geoff.

— Não faz mal — digo, tentando parecer animada e falhando. — Fica para outra vez. — Ouço Evie agitar-se no andar de cima. — Tenho de ir. Está na altura de a Evie comer. Ligas-me mais tarde?

— Claro, querida.

Sei que são estas estúpidas hormonas, mas as lágrimas queimam-me os olhos. Não consigo deixar de me perguntar se estarei a perdê-lo. Se ele me achará tão aborrecida que prefira passar os serões com os colegas, no escritório.

Volto para o piso superior e vou ver Evie, que está acordada. Está deitada de costas, olhando para a instalação de animais da floresta suspensa por cima do berço. Quando me aproximo, olha para mim, começa a chorar, mas, ainda assim, o meu coração dispara. Pego-lhe e beijo-lhe o cabelo macio. Ela para de chorar e esfrega o nariz no meu pescoço. Rio-me. Toda a insegurança desapareceu da minha mente. Quando estou com o meu bebé, tenho o coração cheio de amor e felicidade.

Tiro o biberão que preparei mais cedo do pequeno frigorífico de canto e ponho-o a aquecer; depois, ando pelo quarto enquanto espero pelo sinal sonoro da máquina. Adoraria poder dar de mamar ao meu bebé, mas, infelizmente, não produz leite suficiente.

O meu telemóvel toca. É a minha amiga e ex-colega Shelley, da agência. Entalo o telefone entre o ombro e o pescoço e seguro Evie sobre a anca.

— Shelley! Olá! Como estás? Espera, não consigo ouvir-te. Vou lá para fora. Um segundo.

Entro no meu quarto e fico em frente das portas francesas que dão para a varanda. É sempre um bom sítio para ter rede.

— Já me consegues ouvir?

— Olá, mamã! Aí estás tu!

Ouços os telefones a tocar em pano de fundo e sinto um pequeno baque de nostalgia.

— Pareces ocupada — digo.

— Sempre. Sabes como é. Como estão as coisas contigo?

— Também estou superocupada! Não tenho um minuto para mim!

— Desculpa, Jo — diz ela. — Não te vou tirar muito tempo, é só uma pergunta rápida.

— Não, por favor, tira-me tempo. Estava a brincar. Estou quase a morrer de tédio. Podes falar comigo todo o dia, se quiseres.

Ela ri-se.

— Com certeza não será assim tão mau. Ouve, a sério, estou cheia de pressa, mas lembras-te da Casa Berry, que avaliámos? E que, depois, o cliente decidiu não vender?

— Sim, lembro-me.

— Ele mudou de ideias e quer ver a avaliação original. Não encontro o ficheiro. Já procurámos por todo o lado, e temos uma reunião daqui a cinco minutos.

Embalo suavemente Evie sobre a anca.

— Está no arquivo, onde temos os ficheiros «voltar a telefonar daqui a seis meses».

— Oh, meu Deus, Jo, és fantástica. Tinha-me esquecido completamente, mas tens razão. — Ouço o ranger de uma cadeira a ser empurrada para trás, o som de uma gaveta a abrir-se, e depois Shelley grita, num tom sonoro e triunfante: — Encontrei! — Deve estar a segurar o telefone no ar, porque ouço um *uhuuuuu!*, algumas pessoas a bater palmas e sinto uma vaga de orgulho, como se tivesse salvado toda a agência da falência imediata.

— És uma estrela. És mesmo — diz ela. — Tenho de me despachar, mas obrigada, Jo. Estou a tentar fazer três coisas ao mesmo tempo. Sabes como é por aqui. Agora, temos tantos arrendamentos que vamos ter de abrir um novo ramo só para isso, e perdemos a Terry e a Kimberley.

— O que aconteceu à Terry e à Kimberley? Despediram-se?

— Claro que se despediram. Casaram-se. Não sabias?

— Não! Bem, são ótimas notícias, não são? Quero dizer, talvez não para ti. — Surge-me uma ideia na cabeça. — Espera, estava a pensar, dava-vos jeito uma ajudinha extra? Eu podia trabalhar a partir de casa um dia ou dois por semana, se isso vos aliviasse. — Agora, estou a falar depressa, deixando sair as palavras à medida que a ideia toma forma na minha mente. — Os documentos estão todos na nuvem. Claro que não poderei fazer visitas com possíveis compradores, mas podia fazer equipa com uma das outras, talvez a Jacklyn? Ou podia ajudar com os arrendamentos, organizar reparações, inspeções, esse tipo de coisas?

Escusado será dizer que as probabilidades de Shelley me dar um emprego, qualquer emprego, são tão altas como as de ganhar a lotaria. Vivo a mais de cem quilómetros. Não ponho os pés na agência há mais de um ano. Nem sequer tive *qualquer* outro emprego durante esse tempo. O que sei eu sobre as casas que têm atualmente à venda? Ainda usarão sequer os mesmos sistemas?

Ela fica calada. A qualquer momento, vai dizer «não, obrigada» e mandar-me à minha vida.

— Bom, o que se passa é o seguinte — diz, finalmente. — Dava-nos jeito alguma ajuda até termos mais pessoal, mas pode não ser um trabalho muito interessante, só trabalho de sapa, percebes?

— Adoro trabalho de sapa! Trabalho de sapa é o melhor de todos!

Ela ri-se, e combinamos voltar a falar daqui a um dia ou dois, depois de ela ter tido tempo para pensar no assunto e conversar com a equipa. Quando desligo, estou zónza de alegria.

— A mamã pode voltar ao trabalho — arrulho para Evie. — Não seria magnífico? E tu podes sentar-te ao meu colo e ajudar-me. Achas que gostavas?

Não sei porquê, mas, de repente, tenho a sensação de estar a ser observada. Viro-me e vejo uma sombra mover-se junto à porta.

— Roxanne? — estico a cabeça e vislumbro-a a correr pelo corredor. — Roxanne? — chamo outra vez. — Precisava de alguma coisa? — Mas ela afasta-se sem se virar.

Volto para o quarto da bebé e instalo-me com Evie na poltrona. Andará Roxanne a vigiar-me? Claro que não. Porque quereria Roxanne saber o que faço? Estou só a imaginar coisas. Provavelmente, ela só passou por aqui e espreitou cá para dentro de caminho, só isso. E claro que não me ouviu. Está com auriculares, não está?

Sacudo os ombros para me libertar daquela sensação estranha.

— Está na hora de a mamã arranjar alguma coisa para fazer, não achas?
— sussurro a Evie. Outro tique que adquiri nos últimos tempos, falar comigo mesma fingindo falar com a bebé. — Senão, a mamã pode ficar completamente doida.

CAPÍTULO 4

Adormeci com Evie encostada ao peito, mas agora estou acordada. Alguma coisa me acordou. Roxanne? Não, não pode ter sido. Saiu há horas.

— Joanne? Sou eu!

— Richard? — Levanto-me e ponho a sonolenta Evie no berço. — Chegaste! — Corro pelas escadas abaixo para ir ter com ele. — Mas pensava que ias trabalhar até tarde hoje!

Ele desabotoa o casaco.

— Disse ao Geoffrey que ele podia acabar sozinho se quisesse, mas que eu vinha para casa. Tenho muitas saudades das minhas meninas. — Pousa a pasta no chão e abre os braços.

— Mas chegaste tão cedo! — digo, aninhando-me neles.

— Tirei o resto do dia. — Beija-me o alto da cabeça. — Desculpa — diz, suavemente.

— Porquê?

— Querias fazer alguma coisa especial para nós esta noite, e eu sou um velho chato. Deixo-te sozinha tempo demais. Não te mereço — diz ele.

— Quem me dera que tivesses telefonado. Teria escovado o cabelo!

Ele passa-me a mão pela cabeça.

— O teu cabelo está perfeito.

Afasto-me e baixo os olhos, contemplando-me.

— Mas estou uma desgraça. — Trago uma *sweatshirt* velha e deformada e umas calças de ioga que alargaram. — E estou coberta de ranho da Evie.

— E eu acho que estás linda. Vá lá, vamos abrir uma garrafa de vinho.

Esta é uma vantagem de não poder dar de mamar. Posso beber um copo de vinho ao serão.

— Não preparei nada para comermos — digo.

— Vamos mandar vir qualquer coisa do Piccolino. — Ele dá-me a mão.

— Oh, sim, vamos fazer isso — respondo. — Era capaz de matar por uma piza.

Mais tarde, estamos sentados à grande mesa de madeira da cozinha, com o monitor da bebé entre nós. Richard enrola um fio de esparguete no garfo. O cabelo cai-lhe para a testa. Devia cortar-lho. Pergunto-me muitas vezes como é que alguém como Richard, tão inteligente e bem-sucedido, pode apresentar-se como um totó. Por vezes, tenho de o deter antes de ele sair de casa para lhe compor a camisa, porque ele saltou um botão. Ou calça um par de meias muito parecidas, mas não iguais. Ou passa meia hora à procura dos óculos que estão, literalmente, na sua cabeça. Um dia, mandei-o ao optometrista para verificar se não estava a ficar cego. Mas não, tem uma vista perfeita. Nem sequer precisou de aumentar a graduação dos óculos. Ele é mesmo assim, e eu não queria que fosse diferente. É o meu Clark Kent bonito e de têmporas grisalhas, e derreto-me só de olhar para ele.

— Pareces cansada, querida.

Tento sorrir.

— Ontem à noite, ela só adormeceu às duas da manhã.

— Devias ter-me acordado.

— Não! Tu tens de ir trabalhar. Não seria justo.

— Eu podia ter ajudado. Como estava o monstinho hoje?

— Dormiu todo o dia, claro. Como um anjo. — Dou uma dentada na minha piza e limpo a boca com o guardanapo. — Bem, mudando de assunto, tenho novidades.

— Ah, sim?

— Hoje, falei com a Shelley.

Ele serve-nos um copo de vinho.

— A Shelley...

— Da agência imobiliária onde eu trabalhava.

— A Shelley. Claro. E como está ela?

— Está ótima! Mas, para dizer a verdade, estão cheios de trabalho. Ela mal consegue respirar. — Começo a brincar com o guardanapo, dobrando-o e desdobrando-o. — Resumindo — continuo —, ela perguntou-me

se eu podia ajudar uns dias por semana. Só trabalhando a partir de casa, claro — acrescento rapidamente, não fosse ele pensar que eu iria a pé para Chelmsford dia sim, dia não.

Ele franze-me o sobrolho por cima do copo de vinho.

— Mas, querida, é isso que queres?

Barro um pedaço de pão com um pouco de manteiga, esquecendo a minha decisão de me pôr em forma o mais depressa possível.

— Bem... ela precisa da minha ajuda, por isso...

— Mas e o que *tu* queres? — Ele estende a mão e pega na minha. — És feliz, não és? Às vezes, preocupo-me contigo. Precipitámo-nos nisto? Sei que querias viver aqui, nesta casa, longe da cidade... mas tomámos a decisão errada?

E foi por isto que senti a necessidade de dizer uma mentira piedosa. Shelley não me pediu que voltasse a trabalhar. Fui eu que, num impulso, quase lhe implorei que me aceitasse de volta. Mas, como Richard acabou de me lembrar, esta casa, esta vida, eram tudo o que eu queria. Queria muitos filhos e uma casa de que pudesse cuidar. Queria uma cozinha grande com tachos e panelas pendentes do teto. Queria cozinhar refeições deliciosas todas as noites para a minha família. Queria tudo isto, e era eu que andava há meses a romantizar o quanto desejava ser mãe a tempo inteiro e encher esta casa de filhos, de amigos e de gargalhadas, e como andaria ocupada e como seria fantástica a vida longe do bulício do trabalho. A Richard não faz diferença o que eu queira fazer, desde que eu esteja feliz. Acredito piamente que Richard não se importaria nada se eu mudasse de ideias, ou se quisesse trabalhar a tempo parcial. Não é ele que está desiludido comigo. Sou eu.

— Acho que poderia ser divertido. Tenho saudades da azáfama do escritório.

Ele dá um gole no vinho.

— E vais trabalhar com o Anthony nesse escritório frenético? E a nossa bebé? Como fica?

Ponho a mão na dele.

— Primeiro, eu trabalharia a partir de casa. Quando falei na azáfama do escritório, estava a usar uma metáfora. Segundo, nem sequer sei se o Anthony ainda trabalha lá.

O que é mentira. Anthony *ainda* trabalha lá. Manda-me mensagens de tempos a tempos, só para dizer olá. Mas Anthony é uma pedra no sapato entre nós. Beijámo-nos uma vez, poucas semanas antes de eu conhecer Richard. Foi depois da festa de Natal da agência, e ele levou-me a casa.

Depois disso, namoriscávamos no trabalho, e eu estava sempre à espera de que ele me convidasse para sair, mas nenhum de nós levou as coisas mais longe. E, então, conheci Richard. Mas cometi o erro de contar a Richard o que se passara com ele. Acho que queria fazê-lo sentir que eu era um bom partido. Que os homens faziam fila para namorar comigo.

— Há um tipo lá no trabalho que está a dar comigo em doida. Não para de namoriscar comigo. É muito querido, mas sabes como é, não se apercebe da minha falta de interesse — disse-lhe, um dia. Estávamos num restaurante muito caro em Mayfair. Eu até comprara um vestido novo para a ocasião, que me custara metade de um mês de salário.

Uma veia pulsou na têmpora dele.

— Porque faria ele isso? Ele sabe que estás comprometida, não sabe?

— Sim! Claro que sabe. Mas é que... — Não devia tê-lo dito. Devia ter percebido pelo tom dele que isto não ia correr como eu queria, mas estava absorta na minha atuação. — Uma vez, beijámo-nos. — Abanei a mão no ar. — Eu estava bêbada. Foi numa festa de Natal. É preciso dizer mais? Seja como for — suspirei teatralmente —, acho que ele tem uma paixoneta por mim.

Ele pousou o copo muito devagar.

— E fazes isso muitas vezes? Embebedares-te e dormires com outros homens?

Arqueei audivelmente. Ele fez sinal ao empregado.

— A conta, por favor.

— O que estás a fazer, Richard? Acabámos de nos sentar!

— Não quero afastar-te do teu amante. Se preferes passar a noite com ele, é o que deves fazer.

Argumentei, expliquei que só dissera aquilo para lhe fazer um pouco de ciúmes, porque sou estúpida e nunca, nunca pensaria sequer em estar com mais ninguém. Mas ele tinha o rosto vermelho de fúria e as mãos cerradas em punhos ao lado do corpo. Nunca tinha visto aquele lado dele, e mal podia acreditar na sua reação. Tentei explicar. Não queria dizer nada. Fora só um beijo. Anthony não era nada para mim. Só ele, Richard. Continuámos a discutir durante muito tempo, mas ele não me ouvia. Em circunstâncias normais, eu teria ficado na casa dele em Kensington, mas, em vez disso, meteu-me num táxi e afastou-se. Apanhei um comboio para casa, soluçando todo o caminho, envergando o meu vestido elegante.

No dia seguinte, ele mandou-me uma dúzia de rosas vermelhas com um bilhete. *Sou só um velho tonto que está incrivelmente apaixonado por ti. Por favor, perdoas-me?*

Perdoei, claro. Mas, depois disso, tive cuidado, porque o meu Clark Kent um pouco totó, um pouco desajeitado e de têmporas grisalhas também tinha mau gênio. Só o vi perder a calma uma vez depois disso, por causa de alguma coisa que se passou no seu escritório, não sei bem o quê. Estávamos em casa, e a conversa deu-se por telefone. Ele deu um murro numa janela. Bem, não com força suficiente para a partir. Mas deve ter-lhe doído.

— Não sou a primeira pessoa a trabalhar a partir de casa — digo, agora. — Há algumas pessoas lá no escritório que trabalham em casa um ou dois dias por semana. Hoje em dia, é muito comum.

— Mas e a Evie? — pergunta ele.

Richard é muito protetor de Evie, e essa é uma das coisas que mais adoro nele. Desde que ela nasceu, ele esteve sempre à volta dela, preocupado com ela, protegendo-a. Ficou encantado quando eu disse que queria tirar uma licença de maternidade longa, pelo menos durante os dois primeiros anos. Por vezes, ele parece-me ainda mais protetor do que eu, e isso não é pouco. Fez uma pesquisa tão detalhada para escolher o monitor de bebé certo — um objeto perfeitamente banal, na minha opinião — como faria para escolher a escola certa.

— Vou arranjar ajuda, claro. Uma ama para vir tomar conta da Evie nos dias em que eu estiver a trabalhar.

— Mas como saberás que podes confiar na ama? E se ela quiser ficar com a Evie? E se nos roubar a nossa bebé?

Sei que ele não está a falar a sério.

— Richard! Há amas profissionais. Vou contactar uma agência prestigiada. Só lidam com pessoas certificadas, que têm referências impecáveis; não vou buscar uma pessoa à rua. Prometo. — Sorrio, e ele devolve-me o sorriso.

— Joanne, querida, se é isso que queres, acho ótimo. Parabéns! — Ergue o copo, e eu faço o mesmo.

— Obrigada. Significa muito para mim.

Conversamos sobre o dia dele, e depois ele pergunta:

— E o que mais fizeste hoje?

Bem, estive sentada com a Evie toda a manhã, fui buscar o correio, que pus em cima da consola, e para o qual mal olhaste, pelo que ainda não reparaste na carta da Isabella, depois tentei conversar com a Roxanne, mas ela não quis, e depois adormeci com a Evie, até chegares a casa.

— Tive um dia muito atarefado — digo. — Estou a pensar comprar uma bicicleta.